

GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DIACRÔNICO OU SINCRÔNICO?

Raissa Gonçalves de Andrade Moreira¹

RESUMO: A língua percorre um caminho de transformações que são provocadas por um desejo de comunicação. Com base nessa premissa, a teoria da gramaticalização desenvolveu-se no contexto da linguística funcional a partir dos anos de 1970, quando houve um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe. Pensando sobre essa mobilidade da língua, a proposta deste artigo é investigar a gramaticalização seja como um processo diacrônico ou sincrônico. O objetivo anteriormente elencado se justifica pelo fato que dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constata renovação do sistema linguístico – percebida sobretudo pelo surgimento de novas funções já existentes – traz a noção de gramática emergente. Para isso, o presente trabalho fez uma breve revisão bibliográfica sobre a gramaticalização – na ótica do funcionalismo – e o seu processo sincrônico ou diacrônico.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; Linguística Funcional; Gramaticalização.

ABSTRACT: The language travels a path of transformations that are provoked by a desire for communication. Based on this premise, grammaticalization theory developed in the context of functional linguistics from the 1970s, when there was a revival of the role of diachronic transformations in the explanations of syntax. Thinking about this language mobility, the purpose of this article is to investigate grammaticalization as a diachronic or synchronic process. The previously mentioned objective is justified by the fact that among the various processes of linguistic change, grammaticalization is considered one of the most common that has been observed in the languages in general. The constant renewal of the linguistic system - perceived mainly by the emergence of new functions already existing - brings the notion of emerging grammar. For this, the present work made a brief bibliographical review on grammaticalization - from the point of view of functionalism - and its synchronic or diachronic process.

KEYWORDS: Language; Functional Linguistics; Grammaticalization.

¹ Discente do Programa de Pós Graduação em Linguística - PROLING - da Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: raissamoreira28@gmail.com

1. Introdução

A língua percorre um caminho de transformações que são provocadas por um desejo de comunicação. Com base nessa premissa, a teoria da gramaticalização desenvolveu-se no contexto da linguística funcional a partir dos anos de 1970, quando houve um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe.

A partir desse contexto, ampliou a ideia de que o discurso motiva as transformações que sofrem os elementos linguísticos e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática. Pensando sobre essa mobilidade da língua, a proposta deste artigo é investigar a gramaticalização seja como um processo diacrônico ou sincrônico.

O objetivo anteriormente elencado se justifica pelo fato que dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constatare renovação do sistema linguístico – percebida sobretudo pelo surgimento de novas funções já existentes – traz a noção de gramática emergente.

Para isso, o presente trabalho fez uma breve revisão bibliográfica sobre a gramaticalização – na ótica do funcionalismo – e o seu processo sincrônico ou diacrônico. Na seção 2, traçaremos algumas considerações sobre a definição e o histórico da gramaticalização. Na seção 3, mostraremos quais os princípios, mecanismos e parâmetros da gramaticalização. Na seção 5 os critérios da gramaticalização. Por fim, apresentaremos a gramaticalização: uma abordagem sincrônica ou diacrônica.

2. Gramaticalização: definições e histórico

Desde muito tempo a concepção de língua como sendo algo homogêneo e estático foi rompida, uma vez que os estudos da linguística vêm se aprimorando e designam a língua como um sistema heterogêneo e mutável. Em relação às motivações que levam as línguas a modificarem e como acontecem esses processos são variados.

Diante desse contexto, a concepção de língua na perspectiva funcional não é sistema de frases definida, mas sim, um sistema aberto, que pode passar tanto por mudanças sintáticas quanto por mudanças semânticas por estarem expostas às pressões do ato de comunicação.

Por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso (NEVES, 1997. p 15).

Neves (1997) também abraça a definição clássica ao afirmar que a gramaticalização é um processo dinâmico, histórico (mas também sincrônico) e unidirecional, no qual parte-se de uma unidade menos gramatical para uma mais gramatical. A pesquisadora explica algumas consequências da gramaticalização: o caráter regularizador do processo, o aumento da previsibilidade e a maior sujeição do falante às regras do sistema.

Trata-se da passagem de menor para maior regularidade, e de menor para a maior previsibilidade; e, afinal, no percurso de uma regularização, trata-se de uma passagem que torna o falante, num determinado ponto enunciado, mais sujeito a determinações do sistema, e menos livre para escolhas nas quais possa exercitar sua criatividade. (NEVES, 1997. p 129).

A gramática para os funcionalistas é vista como um conjunto de regras que surgem a partir do discurso. Assim, assumem um modelo dinâmico de gramática cujo “estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separada das estratégias de construção do discurso” HOPPER (1988, p.118 apud CASTILHO, 2010, p. 1).

Complementando esse pensamento, Castilho (2010) assevera que para os funcionalistas não existe uma gramática que seja estável e pronta, o que de fato existe é uma constante gramaticalização.

Nos estudos acerca da gramaticalização Gonçalves *et al* (2007, p.19) descrevem o percurso histórico do avanço das pesquisas sobre a gramaticalização e mostra que os primeiros estudos sobre esse tema se deu início na China, no século X, e teve sequência no século XVII com Condillac e Rousseau, na França e Tooke, na Inglaterra. No século XVIII, Bopp, Schelegel, Humboldt, Gabelentz, na Alemanha e Whitney, nos Estados Unidos dar continuidade aos

estudos. Já no século XX, os estudiosos que contribuíram de forma grandiosa aos estudos sobre a gramaticalização foram Lehman, Heine, Caldi, Hunnemeyer, na Alemanha, Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, nos Estados Unidos, e Meillet na França, entre outros.

Gonçalves *et al* (2007) destacam que Meillet foi figura central nos estudos sobre o tema, uma vez que foi o primeiro a usar o termo gramaticalização para se referir ao processo em que uma palavra autônoma passa a ter uma função gramatical, embora as noções de gramaticalização já existissem no século X.

Gonçalves *et al* (2007), destacam que esses estudiosos possuem dois pontos de interseção entre suas pesquisas, tendo em vista que eles estabelecem diferenças entre os itens lexicais (considerados signos linguísticos plenos, classes de palavras abertas, lexemas concretos, palavras principais) e os itens gramaticais (signos linguísticos vazios, classes de palavras fechadas, lexemas abstratos, palavras acessórias). Além disso, avaliam que as categorias gramaticais tendem a se originar das categorias lexicais.

Outro ponto interessante que Gonçalves *et al* (2007, p.22) destacam é a definição de Lehmann (1995[1982]), que entende a gramaticalização como um processo de morfologização. A gramaticalização tanto pode levar um item de uma categoria lexical a uma gramatical, quanto de uma categoria menos gramatical para um mais gramatical. Na mesma linha contribuiu Heine:

Estamos lidando com a gramaticalização, um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical. HEINE *et al* (1991 *apud* GONÇALVES, 2007 p. 23).

Hopper e Traugott (1993, *apud* GONÇALVES *et al*, 2007) explicam que uma estrutura em processo de gramaticalização segue um *cline* de mudança, ou seja, percorre uma linha de evolução: vai de um “item de conteúdo”, passando pelas categorias “palavra gramatical” e “clítico”, chegando, por fim, à categoria “afixo flexional”.

Desde que a gramaticalização, ao final da década de 1980, se difundiu como paradigma, uma série de termos alternativos surgiu para rotular esse fenômeno de mudança linguística. A partir daí surgiu a ideia de que o discurso motiva transformações que sofrem os elementos linguísticos e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade, ou seja, caminham

do discurso para a gramática. Nesse contexto, de acordo com Martelotta (2011) a gramaticalização é definida como:

Um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. (MARTELOTTA, p. 92, 2011)

Existem diversos mecanismos de renovação das línguas. A gramaticalização é um desses processos de mudança do sistema linguístico. Por meio desse mecanismo, o falante molda a gramática de sua língua, motivado pela sua necessidade de expressão. Assim, a língua está em constante evolução.

Segundo Castilho (2010), a gramática é um sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização disposto em subsistemas: fonologia, morfologia e sintaxe; e a gramaticalização é um conjunto de processos pelo qual uma palavra ganha novas propriedades. Estas podem ser sintáticas, morfológicas, fonológicas e/ou semânticas, e em certos casos a palavra pode desaparecer.

3. Princípios, mecanismos e parâmetros

3.1. Unidirecionalidade

O processo de gramaticalização é normalmente caracterizado como unidirecional, no sentido que os elementos representacionais se tornam gramaticais e não o contrário. Gonçalves *et al* (2007) definem princípio como uma regra geral que identifica um fenômeno. Os autores reconhecem como princípio fundamental da gramaticalização a unidirecionalidade, que pode ser observada por meio dos mecanismos atuantes no processo.

Dessa forma, um conceito importante para a definição da unidirecionalidade é a relação de *continuum*, que pode ser usado para mostrar a transição entre as classes de palavras, como a passagem de advérbios a conectivos oracionais (TRAUGOTT, 1988 *apud* GONÇALVES *et al*, 2007). O mesmo termo também pode ser usado na passagem entre categorias semânticas, como a passagem de um valor temporal a causal (TRAUGOTT e KONIG 1991 *apud* GONÇALVES *et al*, 2007).

De acordo com Gonçalves et al (2007), muitos trabalhos estudam as categorias cognitivas a fim de explicar as transformações funcionais das palavras, a exemplo da ordenação: Pessoa > Objeto > Processo > Espaço > Tempo > Qualidade (HEINE *et al*, 1991 *apud* GONÇALVES *et al*, 2007).

Vale ressaltar que, nessa linha de categorias, as transformações ocorrem em uma única direção: das categorias cognitivas mais próximas do indivíduo para as mais distantes. As mudanças ocorrem de um estágio A para um estágio B, jamais de B para A (HOPPER e TRAUGOTT, 1993 *apud* GONÇALVES *et al*, 2007).

3.2. Metáfora e Metonímia

No processo de gramaticalização, dentre os inúmeros os mecanismos que atuam no sentido de explorar “velhas formas para novas funções” Werner e Kaplan (1963 *apud* NEVES, 1997), é chamado atenção para dois mecanismos: a metáfora e a metonímia.

A mudança semântica presente nos processos de gramaticalização deve-se a processos metafóricos. Conforme Gonçalves *et al* (2007), a metáfora, na gramaticalização, opera de modo que domínios cognitivos diferentes se aproximem por meio de uma transferência conceitual. Desse modo, conceitos de domínios lexicais (mais concretos) passam a ser compreendidos como conceitos gramaticais (menos concretos). É importante destacar que a transferência metafórica é regida por uma crescente escala de abstratização.

Em contrapartida, processos metonímicos atuam de forma complementar à metaforização. Neves (1997) afirma que, se por um lado, a metáfora é um mecanismo discreto e livre de determinações pragmáticas, a metonímia opera a reinterpretação de modo contínuo sob a influência da pragmática.

Sendo assim, GONÇALVES *et al* (2007) explicam que as inferências metonímica e metafórica constituem processos complementares, uma vez que:

A metáfora resulta da contiguidade de significações, favorecida pela proximidade de formas linguísticas, ocorrendo assim, uma associação entre o processo cognitivo de metonímia e o mecanismo de reanálise. A metonímia permite a transferência de um domínio para o outro por meio de um elo

estabelecido entre os dois domínios conceptuais, ou seja, da associação do processo cognitivo de metáfora com o mecanismo da analogia resulta a metáfora. (GONCALVES *et al*, p. 48, 2007).

Diante desse contexto, a gramaticalização é explicada, como uma expansão funcional gradativa de uma entidade original e dois mecanismos estão envolvidos nesse fenômeno: transferência conceptual - que é metafórica e se relaciona com diferentes domínios cognitivos - e reinterpretação induzida pelo contexto - que é metonímica e resulta em conceitos interseccionados (NEVES, 1997).

4. Critérios de gramaticalização

A gramaticalização é um fenômeno de mudança linguística que ocorre de maneira gradual, e identificar o grau em que se encontra um item em gramaticalização é uma preocupação de vários estudiosos do fenômeno. Nesse sentido, duas propostas são bastante conhecidas: a proposta de Lehmann (1995[1982] apud GONÇALVES *et al*, 2007), que visa determinar o grau de autonomia de formas em estágio mais avançados de gramaticalização; e a proposta de Hopper (1991,1996 apud GONÇALVES *et al*, 2007), que focaliza formas em estágios iniciais.

4.1 Os Parâmetros de Lehmann

Lehmann define a gramaticalização como um processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e formativos gramaticais em mais gramaticais. E explica que:

Sincronicamente, ela deve ser tomada como um princípio de acordo com o qual subcategorias de uma dada categoria gramatical podem ser arranjadas em uma escala, representada pelo símbolo $x > y$, usado para expressar que y é mais gramatical do que x , subentendo-se daí um processo evolutivo da forma x a y (Lehmann 1995[1982] apud GONÇALVES *et al*, 2007).

Sendo assim, para contemplar os efeitos da gramaticalização de um item a partir dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos, o autor propõe seis parâmetros, que visam à aferição do grau de autonomia de um item, o que, por consequência mede o grau de gramaticalidade, uma vez que a autonomia de um signo é postulada contrária a seu estatuto de gramatical. Nesse contexto, os seis parâmetros de acordo com Lehmann 1995[1982] apud GONÇALVES *et al*, 2007, são:

- **Integridade:** refere-se ao tamanho substancial de um signo, tendo em vista a sua carga semântica e fonológica. A perda da integridade semântica e fonológica demonstra o avanço do item rumo à gramaticalização.
- **Paradigmaticidade:** refere-se à forma que um item se relaciona com os demais itens do seu paradigma. Quanto maior a integração de um item no seu paradigma, maior seu grau de gramaticalização.
- **Variabilidade paradigmática:** diz respeito à obrigatoriedade de uso de um item dentro do universo do seu paradigma. Quanto menor a possibilidade de uso de outro item no lugar daquele que está se gramaticalizando, mais avançado é o grau de gramaticalização.
- **Escopo:** refere-se à extensão da relação do item com a construção na qual se insere. O grau de gramaticalização de um item aumenta quando ele deixa de se “relacionar com constituintes de complexidade arbitrária para se relacionar com palavra ou radical”.
- **Conexidade:** diz respeito ao grau de coesão ou dependência de um item com outro. Quanto maior for o grau de fusão, maior o grau de gramaticalização.
- **Variabilidade sintagmática:** refere-se à liberdade de movimentação de um item na construção de que faz parte. Quanto menor for a mobilidade, maior é o grau de gramaticalização.

Nesse aspecto esses seis parâmetros são diferentes quanto às funções específicas envolvidas nos canais de gramaticalização. Em relação à correlação e à dependência desses parâmetros, eles são teoricamente dependentes um do outro.

4.2 Os Princípios de Hopper

A gramática de uma língua é sempre emergente, uma vez que sempre estão surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes, e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de

gramaticalização que uma forma vem assumir nas novas funções que passa a executar Hopper (1991, *apud* GONÇALVES *et al*, 2007).

Hopper defende ser necessário outro conjunto de parâmetros diferentes dos de Lehmann e sugere cinco que de acordo com Hopper (1991, *apud* GONÇALVES *et al*, 2007), são:

- **Estratificação:** conforme esse princípio, a gramaticalização gera novos itens, que apesar desempenharem a mesma função, coexistem com as formas antigas.
- **Divergência:** refere-se ao fato de que a forma fonte pode manter-se como item autônomo, conservando suas propriedades originais, podendo, inclusive, submeter-se novamente a um processo de transformação.
- **Especialização:** diz respeito ao estreitamento das opções de codificação de determinada função.
- **Persistência:** refere-se aos traços semânticos que são compartilhados pela forma-fonte e a forma-alvo.
- **Descategorização:** esse princípio refere-se à perda de categorialidade e autonomia discursiva.

Esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não a gramática, ou seja, esses princípios não discriminam os processos de mudança que resultam em gramaticalização e os que não resultam.

5. Gramaticalização: uma abordagem sincrônica ou diacrônica?

Tendo como referência os estudos realizados Meilet, constatamos que a gramaticalização teve para à linguística histórica a finalidade de identificar as origens e mudanças que envolvem morfemas gramaticais, contribuindo para as pesquisas etimológicas e históricas das palavras, apesar de certos exemplos fornecidos pelo próprio autor indicarem que a gramaticalização também é um processo sincrônico.

Hopper & Traugott (1993) também mostram que os estudos sobre a gramaticalização podem ser observados tanto sob uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica. E explicam que em uma abordagem sincrônica, a gramaticalização é entendida como um fenômeno morfossintático discursivo. Já por uma perspectiva diacrônica, podemos observar em que estágios da língua itens lexicais tornaram-se gramaticais e quais itens gramaticais tornaram-se mais gramaticais ainda. Ou seja:

A perspectiva diacrônica (ou histórica) investiga as fontes das formas gramaticais e os tipos de caminhos de mudança que os afetam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é conhecida como um conjunto de mudanças linguísticas através das quais um item lexical, em certos usos, torna-se mais gramatical. A perspectiva sincrônica, por sua vez, vê a gramaticalização como primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico. HOPPER & TRAUGOTT, (1993, *apud* ROSÁRIO, p. 39, 2014).

Givón (1995) assevera que o processo de gramaticalização pode ser verificado tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Ele justifica que isso pode ocorrer pelo fato que uma construção linguística pode ampliar-se gradativamente no tempo, passando por estágios diversos até chegar a uma gramaticalização plena, resultando assim, em um processo diacrônico. Em contrapartida, do ponto de vista cognitivo, a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida, ou seja, um item lexical, em determinado contexto, pode ter um uso gramatical. Assim, resultando em um processo sincrônico.

Martelotta *et al.* (1996, p.27) defendem que sob o ponto de vista diacrônico, os processos de gramaticalização de um item podem dar a ideia de que “uma sequência de mudanças ocorridas no tempo” e, sob uma perspectiva sincrônica, é possível observar “um conjunto de polissemias coexistindo”.

Neves (1997) explica que o processo da gramaticalização pode ocorrer no processo diacrônico ou sincrônico, uma vez que se liga ao caráter “gradual” *versus* “instantâneo”. A pesquisadora explica que do ponto de vista histórico, o processo é gradual, e do ponto de vista da construção, instantâneo. Para a estudiosa, embora possa acontecer de uma estrutura substituir

outra, em determinado momento ambas as formas, a velha e a nova, coexistirão. Essa variação não é nada mais do que o reflexo do caráter gradual da mudança linguística.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 16), a gramaticalização pode ser entendida tanto sob a perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Para os autores, será diacrônica se “a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua” e será sincrônica se o enfoque for a “identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático”.

Cezário e Cunha (2013) definem a gramaticalização como fenômenos de variação e mudança linguística, que se processam tanto sincrônica como diacronicamente, contemplando fatores relacionados ao plano de conteúdo (de natureza discursivo-pragmática e semântica cognitiva) e ao plano da forma (de caráter morfosintático e fonológico).

Rosário *et al* (2014) mostram que existe a possibilidade da gramaticalização poder ocorrer além da forma diacrônica, pode ocorrer como um processo sincrônico. E explica que:

Até 1970, a gramaticalização foi vista como parte da linguística diacrônica, como meio de análise da evolução linguística, de reconstrução da história de uma dada língua ou de um grupo de línguas. (ROSÁRIO *et al*, p. 38, 2014)

Para explicar que a gramaticalização pode ocorrer tanto de forma sincrônica ou diacrônica o pesquisador se utiliza dos pressupostos de Heine (1991):

Um dos méritos principais dos estudos de gramaticalização após 1970 foi a atenção dada ao potencial que eles oferecem como um parâmetro explicativo para entender a gramática sincrônica. O descontentamento com modelos existentes de descrição gramatical funcionou como o incentivo principal para transformar a gramaticalização como um meio de sobrepujar as abordagens estáticas de análise gramatical, em particular o estruturalismo e a gramática gerativo-transformacional HEINE (1991, *apud* ROSÁRIO *et al*, p. 39, 2014).

6. Considerações finais

É notório que as línguas são sistemas vivos e estão sujeitas a variações. Os falantes e os ouvintes de uma língua podem valer-se de sua criatividade linguística para reagir às necessidades de expressar novas ideias, ou até mesmo expressar ideias que já estão mapeadas em formas cristalizadas, mas que podem ter sofrido um apagamento semântico devido ao uso frequente.

Para tanto, o presente trabalho fez uma revisão bibliográfica sobre a gramaticalização na ótica do funcionalismo e o seu processo sincrônico ou diacrônico em que envolve casos de renovação linguística.

Uma dúvida comum entre os iniciantes nos estudos sobre gramaticalização é em relação: é um processo sincrônico ou diacrônico? E refere-se como se houvesse uma abordagem ideal. A partir deste artigo, é possível inferir que a resposta a essa constante dúvida está no método adotado e os objetivos a serem atingidos com um estudo, podendo ser a gramaticalização um processo que pode ocorrer tanto sincronicamente como diacronicamente.

7. Referências

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, Maura. FURTADO, Maria Angélica Cunha. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB-GALVÃO Vânia Cristina. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CESÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: Uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014